



O Conhecimento ao Serviço da Sociedade

A ciência e a sociedade

Américo Rodrigues*



As actividades de investigação e desenvolvimento têm tido nas últimas décadas um crescimento assinalável, bem ilustrado pelo número de artigos científicos publicados anualmente, que tem duplicado cada oito a dez anos, e que se estima que tenha atingido no ano passado 2,5 milhões.

Uma parte significativa desta produção científica é de fácil acesso a qualquer pessoa com conhecimentos básicos de inglês e com acesso à Internet. Assim, seria de esperar que, pelo menos nos países desenvolvidos e como re-

sultado da escolaridade obrigatória, a generalidade dos indivíduos tivesse uma razoável cultura científica. Há, contudo, várias situações que levam a colocar essa ideia em dúvida e darei apenas dois exemplos: os movimentos que defendem que a terra é plana e os movimentos anti-vacinação, qualquer um deles felizmente sem grande expressão em Portugal.

Com todo o conhecimento existente sobre a Terra e a sua forma é difícil perceber que haja pessoas que acreditam que a terra é plana, mas há. Defender que a terra é plana não faz qualquer sentido pois não há quaisquer evidências de tal, mas também não tem qualquer consequência grave para a sociedade, e provavelmente até provoca alguns sorrisos na generalidade das pessoas.

Igualmente absurdos e desprovidos de qualquer base científica são os movimentos anti-vacinas, mas com uma grande diferença em relação aos anteriores, em vez de provocarem

sorrisos provocam mortes. Estes movimentos ganharam alguns adeptos com a publicação, em 1998, por Wakefield e colaboradores, de um artigo sugerindo uma relação entre o autismo e a vacina triplíce. Desde o início foi claro que os dados apresentados não eram suficientes para tirar quaisquer conclusões, e foi já claramente demonstrado que muitos dos dados apresentados são falsos. Infelizmente, com os “artigos falsos” acontece o mesmo que com as “fake news”: mesmo depois de se demonstrar que são falsas continua a haver quem acredite nelas.

Outro dos argumentos por vezes referidos é que a eficácia das vacinas é exagerada pela indústria farmacêutica devido aos lucros que obtêm com elas. Este argumento faz-me sempre lembrar a cena da série televisiva “House”, em que o doutor House em resposta a uma mãe que não vacinava a filha para não dar dinheiro às multinacionais, lhe diz “um outro

negócio realmente lucrativo é a venda de caixões pequeninos”. Todos os que acompanharam esta série se lembram do sarcasmo do doutor House, mas não deixa de ser verdade que nos países desenvolvidos o sector funerário movimenta bastante mais dinheiro que o sector das vacinas.

Em Portugal, o plano nacional de vacinação iniciou-se há pouco mais de 50 anos, em 1965, com uma grande campanha contra a poliomielite. De 1954 a 1965 foram registados 2.945 casos com paralisia e 345 mortes. O programa de vacinação permitiu que em dois anos a doença fosse eliminada quase por completo. Este é apenas um dos casos mais evidentes dos benefícios da vacinação, mas outros exemplos poderiam ser dados como a varíola, a rubéola ou o tétano.

Com todas as evidências científicas dos benefícios das vacinas, ser anti-vacinação não é uma questão de opinião, é uma questão de ignorância e estupidez, e neste caso a ignorância e a estupidez matam. ◀

***Professor do Politécnico de Leiria, Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar Doutor em Biotecnologia**